



Presidenciável troca evento de formalização da candidatura pela permanência, com Alckmin, em um estado em que petistas estão a ponto de deixar candidato do PSB. No Rio, problema é vaga em disputa no Senado

PE e RJ tiram o sono de Lula

» VICTOR CORREIA
» VINICIUS DORIA

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ficou bem distante das protocolares convenções do PT e de partidos aliados, que homologaram sua candidatura à Presidência da República, com o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin de vice. Os dois permaneceram em Pernambuco, um dos dois estados em que o arranjo local entre PT-PSB corre risco por divergências políticas. O outro ponto nevrálgico é o Rio de Janeiro, em que a disputa entre os dois partidos pela única vaga para o Senado obrigou, ontem, o comando da legenda a adiar a convenção estadual do PT fluminense.

No Rio, os petistas acusam o PSB de romper o acordo para a formação da chapa que tem Marcelo Freixo como candidato ao Palácio Guanabara. A legenda indicou o presidente da Assembleia Legislativa estadual (Alerj), André Ceciliano, para o Senado, mas o PSB decidiu, na convenção estadual, na última quarta-feira, manter o nome do deputado federal Alessandro Molon, para irritação do PT.

Como nem mesmo a ida de Lula ao estado, no início do mês, ajudou na construção de um acordo, a Executiva Nacional petista decidiu discutir, na semana que vem, a questão do palanque do Rio. Uma das opções é manter Ceciliano ao Senado em voo solo, fora

Ricardo Stuckert



Lula fala a integrantes de movimentos culturais de Pernambuco, no Teatro do Parque, em Recife. Tenta apagar arestas entre PT e PSB no estado

da chapa com o PSB — algo que Freixo considera a mais provável, pois, em tese, terá dois palanques à disposição. Quando Lula esteve no Rio, foi o que aconteceu: Ceciliano e Molon participaram dos principais eventos públicos do ex-presidente.

Ajuste

Em Recife, Lula e Alckmin participaram, ontem, de um encontro com representantes do setor cultural. Mas o principal objetivo da viagem foi reforçar o apoio à coligação do PT com o PSB da família Campos, principal

força política em Pernambuco. Os petistas estão fechados com o deputado federal Danilo Cabral (PSB) ao governo, mas enfrenta a resistência de uma ala simpaticizante de Marília Arrais (Solidariedade). Na agenda de três dias no estado, Lula e Alckmin tiveram a companhia de Cabral na

maior parte do tempo.

O presidenciável tem destacado, em suas viagens, a importância da união das forças progressistas para derrotar o presidente Jair Bolsonaro (PL) nas urnas, que deve ficar acima de questões paroquiais. Por isso, não poupa elogios a Alckmin, a quem atribui o

papel de ajudá-lo a conquistar o eleitorado não petista de centro.

“Eu precisava ter um companheiro com qualidade e com dimensão, e uma pessoa que governou São Paulo por 16 anos. Não fui pedir Alckmin em casamento, ele já está casado, eu já estou casado. Fui estabelecer uma aliança política com um segmento político que não era o meu”, disse.

Lula é o segundo candidato confirmado para o pleito de outubro, depois de Ciro Gomes (PDT), oficializado na última quarta-feira. Com a homologação da chapa Movimento Vamos Juntos Pelo Brasil (que inclui PT, PCdoB, PV, PSB, PSol, Rede e Solidariedade), também está firmada a federação Brasil da Esperança (entre PT, PCdoB e PV).

“Aprovamos a nossa coligação de sete partidos, mas, também, delegamos à executiva nacional da federação poderes para discutir com outros partidos que possam querer integrar. Falamos sobre a importância da construção da unidade do campo político que estamos representando”, disse a presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann (PR).

Em comum acordo com os aliados, Lula e Alckmin comparecerão apenas à convenção nacional do PSB, dia 29, em Brasília, como uma demonstração da importância que o presidenciável dá à parceria com o ex-governador paulista. “Nós acordamos que faríamos as nossas convenções e a convenção que participaríamos seria a do PSB, que vai homologar a candidatura de Alckmin para vice”, afirmou Gleisi.

Aproximação com os chefes do agronegócio

» TAINÁ ANDRADE

Escalado para alcançar segmentos políticos nos quais o PT tem dificuldade de chegar, Geraldo Alckmin (PSB), vice de Luiz Inácio Lula da Silva, tem cumprido uma intensa agenda com caciques do agronegócio. Os encontros vêm acontecendo há algumas semanas, sem a presença do presidenciável, mas com o ex-presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), Marcello Brito, a tiracolo.

A ideia desses encontros é construir uma agenda que privilegie, também, as questões ambientais, pauta histórica do PT. Ao agronegócio também interessa saber o que o líder nas pesquisas eleitorais tem a propor ao setor.

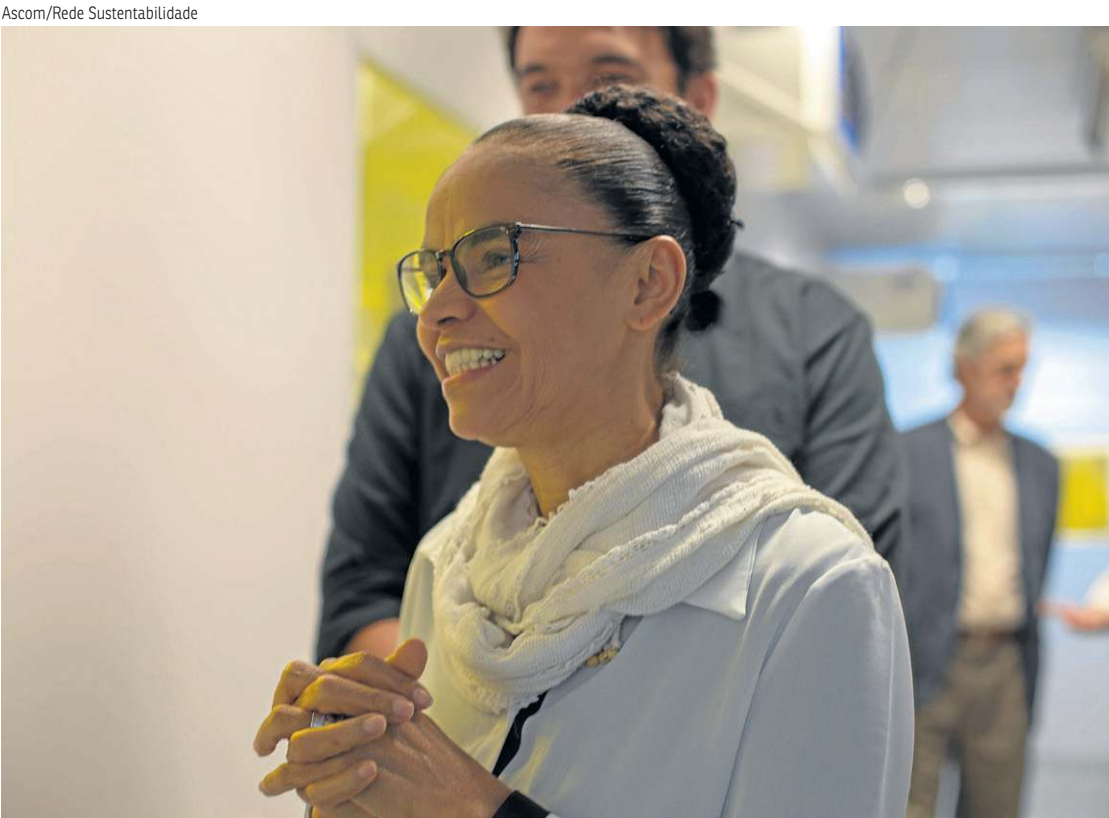
Assim, a partir de agora, enquanto Lula foca nas mobilizações de rua e a galvanização da militância petista, Alckmin reforça a conversa em estados nos quais o presidente Jair Bolsonaro (PL) é forte — como Goiás, Paraná e Santa Catarina. Para a primeira quinzena de agosto, o vice chega em Mato Grosso do

Sul, onde terá encontros com entidades representativas do agronegócio.

A agenda tem como proposta recolher sugestões e entender desafios do setor para construir um projeto comum, de forma que se possa assumir compromissos para um plano de governo. Aliás, a primeira parte de ideias será consolidada, hoje, em uma reunião, em São Paulo, entre o coordenador do programa de governo de Lula na campanha, Aloizio Mercadante, e empresários do setor.

O diálogo ganhou ainda mais força depois que o deputado federal Neri Geller (PP-MT) e o senador Carlos Fávaro (PSD-MT) manifestaram apoio público à chapa Lula-Alckmin. Isso, porém, causou desconforto entre outros apoiadores, como a ex-ministra Marina Silva (Rede-AC) — que criticou a pretensão de criar uma compatibilidade de interesses de agronegócio, indígenas e ambientalistas.

“A pergunta que precisa ser feita é: essas lideranças estão vindo por terem reavaliado suas ações e seus posicionamentos recentes ou porque



Marina fez críticas à aproximação da campanha de Lula com os caciques do agronegócio e causou desconforto

estão sendo acolhidas suas teses antiambientais contraproducentes?”, questionou.

Apesar disso, o apoio de Marina segue firme à chapa de Lula e Alckmin. Mesmo porque, ela aguarda o resultado da articulação para vaga de vice de Fernando Haddad para a disputa do governo de São Paulo.

Atração

A posição de Lula nas pesquisas tem atraído, também, parte da bancada do agronegócio no Congresso, preocupada com a postura de Bolsonaro. Quase toda inserida no Centrão, fontes ouvidas pelo **Correio** afirmam que a divisão se

aprofundou: há um grupo mais agressivo, que segue com o governo, e outro disposto a dialogar com o ex-presidente.

Um dos nomes que tem conversado com a campanha de Lula é o presidente da Frente Parlamentar do Agronegócio na Câmara, Sérgio de Souza (MDB-PR). “Para quem vende para

» Portão aberto na convenção do PL

O PL anunciou, ontem, que permitirá que o público em geral acesse o ginásio do Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, no próximo domingo, sem apresentar ingresso para a convenção do partido que vai confirmar o nome do presidente Jair Bolsonaro como candidato à reeleição. A decisão deve-se ao fato de que a plataforma recebeu uma enxurrada de acessos, há poucos dias, para a retirada de ingressos por pessoas que não pretendiam comparecer ao evento — a ideia era esgotar as entradas, não comparecer para esvaziar o público da convenção e impedir que os convencionais fossem. O encontro também confirmará o ex-ministro da Defesa Walter Braga Netto como vice na chapa.

fora, que sabe da importância do diálogo com o mercado da Europa, tem uma postura diante da guerra (da Ucrânia) e tem medo de ruídos nas trocas comerciais, a estabilidade do cargo (de presidente) é fundamental”, justificou um parlamentar que integra o grupo interessado em ouvir o que Lula e Alckmin têm a dizer.

Ciro acusa petista de rachar aliança

» RAPHAEL FELICE

O candidato do PDT à presidência da República, Ciro Gomes culpou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva pelo rompimento da histórica aliança entre PT e PDT no Ceará. A crítica foi feita ontem, durante participação em sabatina da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

“No Ceará, temos uma coesão política que está se dissolvendo por sabotagem do Lula. Não tem escrúpulo. Pela primeira vez em 20 anos, há uma confusão no Ceará. Isso me magoa. São coisas gravíssimas que estão sendo colocadas em risco por causa da irresponsabilidade e da demagogia (de Lula)”, acusou.

A crise entre as legendas de Ciro e Lula se aprofundou depois de o PDT escolher o ex-prefeito de Fortaleza, Roberto Cláudio, para disputar o governo do estado. Os petistas queriam que os pedetistas apoiassem a governadora Izolda Cela, que assumiu o comando do estado, em abril, após a renúncia do governador Camilo Santana (PT) para disputar o Senado. O PT cogita lançar candidatura própria.

Ciro também fez críticas ao presidente Jair Bolsonaro (PL) pelo baixo orçamento destinado ao investimento público e, também, ao orçamento secreto. “O orçamento brasileiro é um dos maiores do planeta. Cerca de R\$ 4,8 trilhões. E sabem quanto sobrou para investimento neste

ano? R\$ 25 bilhões. E Bolsonaro ainda entregou R\$ 20 bilhões para uma tal de emenda de relator, que a imprensa chama de orçamento secreto, que é o limite final da institucionalização da roubalheira na cara da freguesia”, disparou.

Projeto

Na sabatina com os empresários, Ciro expôs seu plano de governo e explicou ponto a ponto o que pretende fazer caso seja eleito presidente em outubro. “Projeto significa plano, metas, objetivos, orçamentação, divisão de tarefas, supervisão, avaliação, controle. Tudo o que os senhores e senhoras sabem e fazem todos os dias em suas empresas. Esse

país não sabe para onde está indo em nada. Nem educação, nem educação, nem saúde, nem ciência e tecnologia, nem infraestrutura”, criticou.

Se eleito, Ciro disse, ainda, que o ponto central de seu governo será a educação, que conforme enfatizou precisa ser “revolucionada”. “O ponto central está dito e é uma história da minha vida. Precisamos revolucionar a educação no Brasil, mudar o paradigma pedagógico. Trocar corajosamente o paradigma enciclopédista, em que botamos o aluno para decorar. Nesses tempos de óculos de realidade virtual, de internet, precisamos trocar por uma pedagogia do conhecimento da era digital”, propôs.

Isaac Fontana/CJPress/Estadão Conteúdo



Ciro na Fiesp: proposta para construir novo paradigma educacional